



UMA ABORDAGEM ÉTICA DA ECONOMIA: O UTILITARISMO CLÁSSICO DE BENTHAM E MILL

KUCZKOWSKI, C. T. D.¹; SOARES, F. N. A.²

RESUMO: O principal objetivo dessa pesquisa é compreender até que ponto o projeto presente no utilitarismo clássico de Bentham e Mill pode ser considerado o fundamento moral da teoria econômica do capitalismo contemporâneo. Para isso, buscou-se identificar as características centrais tanto do utilitarismo de Bentham quanto do de Mill. A partir da identificação dessas características, procurou-se reconhecer as diferenças e semelhanças entre tais pensadores. As principais conclusões foram que Bentham e Mill são defensores do princípio da utilidade, que ambos sustentam um hedonismo moral, porém divergem principalmente na concepção e na classificação do que são dores e prazeres. Uma das principais consequências dessa divergência é que, para Bentham, o próprio indivíduo é o critério da classificação dos prazeres, enquanto para Mill, essa distinção fica a cargo do que ele chama de juízes competentes. Essa pesquisa se justifica, entre outras coisas, por investigar os fundamentos éticos de uma das mais influentes teorias morais contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Utilitarismo. Bentham. Mill. Hedonismo. Felicidade.

1 INTRODUÇÃO

O problema ao qual esta pesquisa pretende oferecer uma resposta é a delimitação dos princípios da ética utilitarista presentes nos livros *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*, de Jeremy Bentham, e *Utilitarismo*, de John Stuart Mill. Esta pesquisa justifica-se por três razões principais. Em primeiro lugar, ela é parte integrante de uma investigação mais ampla que pretende verificar a tese do economista Emery Kay Hunt (2011) segundo a qual a filosofia hedonista e utilitarista continua sendo a base da teoria econômica contemporânea. Em segundo lugar, ela permite o contato direto com as ideias dos dois autores

¹ Discente, Curso Técnico em Viticultura e Enologia, IFRS *campus* Bento Gonçalves, Avenida Osvaldo Aranha, 540, CEP 95.700-206, Bento Gonçalves, RS, claudiakuczowski50@gmail.com

² Docente, IFRS *campus* Bento Gonçalves, Avenida Osvaldo Aranha, 540, CEP 95.700-206, Bento Gonçalves, RS, franco.soares@bento.ifrs.edu.br

que formularam uma das teorias éticas normativas mais influentes no pensamento contemporâneo: o utilitarismo. Por fim, em terceiro lugar, a reflexão sobre os princípios utilitaristas permite reconhecer em que medida tais princípios façam ou não como respostas aos dilemas éticos da atualidade. Desse modo, objetiva-se inferir de que modo a teoria ética utilitarista e o hedonismo moral influenciam a organização e a forma de pensar da economia atualmente. A pesquisa busca desenvolver uma investigação a partir da interdisciplinaridade e de leituras para melhor compreensão dos princípios dos autores que originaram o utilitarismo, como Jeremy Bentham e Stuart Mill.

2 MATERIAL E METODOLOGIA

Essa investigação é uma pesquisa bibliográfica na qual foram utilizados como bases as traduções para a língua portuguesa dos livros *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*, de Jeremy Bentham, e *Utilitarismo*, de John Stuart Mill. Essas traduções foram cotejadas com as publicações originais, em língua inglesa. Como leitura secundária, que forneceu ferramentas à compreensão e análise dos conceitos e argumentos presentes nas referidas obras utilitaristas, foram utilizados, principalmente, os livros *Os elementos da filosofia moral*, de James Rachels (2013), e *Utilitarismo*, de Tim Mulgan (2014). A leitura detalhada, a redação explicativa e a síntese das duas obras utilitaristas foi precedida pela leitura das referências secundárias, assim como recomendam Folscheid e Dominique (2002) e Martinich (2002). O envolvimento com essas publicações também foram comcomitantemente permeados por discussões que pretendiam estabelecer os pontos nos quais Bentham e Mill coincidem ou divergem e de que forma os princípios utilitaristas ou o hedonismo ético ainda são presentes na atual economia capitalista.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bentham (1789) formulou o princípio da utilidade com a intenção de medir o critério do valor moral de um ato. Esse princípio se baseia na teoria da “Máxima Felicidade” ou “Útil” que é aquilo que contribui para o bem estar geral. Ou seja, segundo Bentham, a ação é o “bem” de acordo com a quantidade de felicidade que gera ou a quantidade de dor que elimina ou reduz, levando em consideração o maior número de pessoas, já que a máxima felicidade é

universal. Segundo Mill (1861), considera-se “felicidade” prazer e ausência ou redução de dor (que por finalidade, são as únicas coisas que se deseja). Prazeres têm como viés tanto qualidade quanto quantidade, desde que atinjam o maior número de pessoas. As regras e preceitos desse princípio para conduta humana devem ser colocados a todos os seres com sensibilidade, o que incluiria até certo ponto, animais em geral, já que são dotados de tal sensibilidade. Esse princípio mede e avalia o que é considerado certo e o que pode ser considerado errado de acordo com a tendência de gerar felicidade ou infelicidade das partes envolvidas, que podem ser uma comunidade, um grupo, um país, uma família, cujos interesses estão sendo avaliados.

Segundo Mill, devemos ser imparciais e considerar com igual importância a felicidade das pessoas, porém isso cria uma demanda demasiada e rompe nossas relações sociais. Se você fosse um fiel seguidor do utilitarismo, teria que doar tudo o que tem e ajudar o máximo possível crianças que passam fome na África, por exemplo, até ficar tão pobre quanto os que ajuda. Esse sacrifício faria com que você provesse “felicidade” para um maior número de pessoas comparado a sua perda. A filosofia chama tal tipo ação de “super-rogação”. Porém, a partir do momento em que doasse tudo, isso nos faria desistir de objetivos que tornam a vida significativa, já que a qualidade da vida em geral ficaria padrão, mas decairia, enquanto seus objetivos e projetos se perderiam em tais ações e você abandonaria uma parte, talvez, da própria felicidade.

Ter “igual consideração” e ser imparcial significaria romper nossos laços afetivos com família, amigos e pessoas próximas as quais teríamos a tendência de “ajudar” com relação a estranhos, pois os consideramos especiais. Por exemplo, um pai que deixa uma criança queimar, pois há outra pessoa a ser salva que tem maior “contribuição” para o bem-estar geral. Para utilitaristas, esse pai seria um herói, porém poderia ser considerado digno de desprezo por princípios morais diferentes. Se vivêssemos tudo veementemente de acordo com tal teoria, seríamos pobres, teríamos de parar de amar as pessoas “especiais” de nossa vida, provavelmente abdicar até de certa consideração, como no exemplo acima.

4 CONCLUSÃO

Bentham e Mill são os filósofos que articularam o utilitarismo enquanto uma teoria moral normativa. Suas concepções são consideradas hoje como a elaboração do utilitarismo clássico. O que caracteriza o utilitarismo clássico, frente aos desenvolvimentos teóricos

subsequentes dessa doutrina, é seu comprometimento com o hedonismo moral. O utilitarismo de Bentham visa com maior afinco o princípio da Máxima Felicidade e coloca como método de avaliação critérios como a duração, a intensidade, a pureza, entre outros, do prazer e da dor, porém não foca no que considera como dor ou prazer e nem em que parte se encaixa o prazer ou a dor de forma não corporal, dos sentidos. Mill, todavia, expressa de modo mais específico o que seriam os “tipos” de dor e prazer, caracterizando-os e incluindo os prazeres intelectuais, por exemplo, e distinguindo, assim, o restante dos animais sensíveis dos seres humanos, já que Bentham inclui no utilitarismo de modo geral os animais sensíveis. A pesquisa parece indicar que o utilitarismo clássico não está na base da teoria econômica assim com aponta a hipótese de Hunt (2011).

REFERÊNCIAS

- BENTHAM, Jeremy. (1789). **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BENTHAM, Jeremy. **The Principles of Morals and Legislation**. New York: Prometheus Books, 1988.
- FOLSCHIED, Dominique; WUNENBURGER, Dominique. **Metodologia Filosófica**. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- HUNT, E. K. **História do Pensamento Econômico: Uma perspectiva crítica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- MARTINICH, A. P. **Ensaio filosófico**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MILL, Stuart. (1861). **Utilitarismo**. Lisboa: Gradiva, 2005.
- MILL, Stuart. **Utilitarianism**. New York: Oxford University Press, 1998.
- MULGAN, Tim. **Utilitarismo**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- RACHELS, James; RACHELS, Stuart. **Os elementos da filosofia moral**. 7ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.